

CORONAVÍRUS

Faculdade de Medicina de Lisboa cessa aulas com doentes

A Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL) “decidiu a necessidade de suspensão temporária de todas as aulas que implicassem contacto com doentes” após reunião do Conselho Académico de Medicina de Lisboa.

Em Wuhan, a vida retorna

No Wuhan Union Hospital nasceu ontem a filha de uma paciente suspeita de estar infectada com covid-19. A província chinesa de Hubei, de que Wuhan é a capital, totalizava até ontem 2986 mortes causadas pelo surto do novo coronavírus. Um total de 45,23 mil pessoas recuperou da doença.

Presidente em isolamento, vítima colateral do principal foco no país

Marcelo cancelou agenda depois de ter recebido alunos de Felgueiras. Cadeia de transmissão naquela região é responsável por metade dos 30 casos já confirmados



Hospital de campanha no São João (Porto), onde está internada a maioria dos doentes portugueses

Samuel Silva e Sónia Sapage

Em França, o novo coronavírus chegou ao Parlamento e contagiou deputados e funcionários. No Irão, o ministro adjunto da Saúde, vários deputados e a vice-presidente foram diagnosticados com a covid-19. Em Inglaterra, dois parlamentares do Partido Trabalhista ficaram de quarentena

por terem estado num congresso em que um dos participantes foi infectado. O vírus não deixou descansada a classe política mundial, mas foi Marcelo Rebelo de Sousa o primeiro Presidente da República a entrar em período de isolamento.

Ontem, a meio da tarde, a informação de que o chefe de Estado suspenderá a sua actividade durante duas semanas – a começar no dia em que cumpre quatro anos de mandato – foi

divulgada via *site* da Presidência.

“O Presidente da República, apesar de não apresentar qualquer sintoma vírótico, decidiu cancelar toda a sua actividade pública, que compreendia várias presenças com número elevado de portugueses, assim como a própria ida a Belém, durante as próximas duas semanas. O mesmo fará com deslocações previstas ao estrangeiro”, lê-se em comunicado oficial, emitido um dia depois de Marcelo ter

Area: 1226cm² / 65%

FOTO Titragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6767594



reduzido a agenda.

A decisão foi tomada depois de ouvidas as autoridades de saúde e após ter-se sabido que na noite de sábado foi “internado um aluno de uma escola de Felgueiras” que esteve na edição da última terça-feira do programa “Artistas no Palácio de Belém”, com Marcelo. Registe-se, no entanto, que nem o aluno ora internado nem a sua turma estiveram em Belém.

Marcelo Rebelo de Sousa vai fazer hoje um teste para despistar uma possível infecção com coronavírus. Os resultados serão publicados no site da Presidência da República.

O primeiro-ministro, António Costa, informou, entretanto, que vai manter a agenda prevista, “salvo indicação em contrário” da Direcção-Geral da Saúde (DGS).

A escola frequentada pelos alunos que visitaram o Presidente da República é a Básica e Secundária de Idães, uma das instituições de ensino cujo encerramento tinha sido anunciado, na noite de sábado, pela ministra da Saúde – e que está no epicentro do contágio pela covid-19 em Portugal.

O vírus, trazido de Itália por um trabalhador de uma fábrica de calçado, que tinha estado em Milão para participar na Micam, a principal feira mundial do sector, espalhou-se pela região do Vale do Sousa.

Só no concelho de Felgueiras há 11 pessoas infectadas com coronavírus e mais de uma centena de casos suspeitos. Quase todos se localizam na freguesia de Idães, no extremo sudoeste do concelho, junto a Lousada – onde trabalha o paciente que “importou” a doença. A autarquia de Felgueiras anunciou o encerramento de todos os serviços municipais, como a biblioteca e a piscina, naquela localidade.

A cadeia de transmissão iniciada pelo doente vindo de Milão é respon-

Situação em Portugal

Dados de ontem às 20h

Casos suspeitos **281** Casos confirmados **30**

Zonas afectadas por restrições na região norte

- 1 Alto Minho
- 2 Cávado
- 3 Ave
- 4 Área M. do Porto
- 5 Alto Tâmega
- 6 Tâmega e Sousa
- 7 Douro
- 8 Terras de Trás-os-Montes



sável por metade dos 30 casos já confirmados em Portugal. Estão todos internados no Hospital de São João, no Porto. No sábado, a DGS já tinha sublinhado que esse era o “cluster” mais importante de propagação no país. Ontem foram confirmados mais quatro casos relacionados com este.

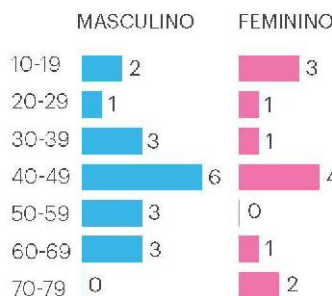
Seis casos importados

O mesmo doente está também na origem das decisões de encerramento da Faculdade de Farmácia e do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, na Universidade do Porto, e

6 casos importados



N.º de casos por faixa etária



Fonte: Direcção-Geral da Saúde PÚBLICO

da suspensão das aulas no campus de Gualtar, em Braga, da Universidade do Minho. Uma estudante da Universidade do Porto e o namorado, aluno da Universidade do Minho, estiveram na mesma festa familiar em que esteve esse paciente. Terá sido nesse momento que contraíram a doença.

Ao contrário do que tinha feito nos boletins epidemiológicos que tem divulgado desde a confirmação das primeiras infecções com covid-19 em Portugal, a DGS já não publicou ontem o diagrama com as origens dos diferentes casos. Na versão mais recente limita-se a informar que há “quatro cadeias de transmissão activas”. Já o número de casos “importados” subiu para seis – um com origem em Espanha e os restantes em Itália –, depois da confirmação do primeiro caso no Algarve.

Até ao momento, as medidas mais restritivas anunciadas pela ministra da Saúde – e que incluem a suspensão das visitas em hospitais, lares de idosos e prisões – concentram-se na área de influência da Administração Regional de Saúde (ARS) Norte. Grosso modo, as regiões abrangidas correspondem aos limites dos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real e Bragança. De fora destas limitações fica a maior parte dos distritos de Viseu e Aveiro, que integram a ARS Centro, com sede em Coimbra.

samuel.silva@publico.pt
sonia.sapage@publico.pt

Algarve regista primeiro caso

A Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, vai ser encerrada a partir de hoje, depois de uma das suas alunas ter sido diagnosticada com a covid-19. A jovem de 16 anos foi transferida para Lisboa e está internada numa unidade de saúde em tratamento. Este é o primeiro caso de infeção confirmado no Algarve.

Foi a própria escola que tornou público o caso da aluna, num comunicado ontem enviado à comunidade educativa. A jovem esteve em

Itália de férias com a família, durante a pausa lectiva do Carnaval. Ao regressar a Portugal “contactou a Linha Saúde 24, que lhe deu instruções para monitorizar a sua situação clínica e cumprir algumas regras sociais e de higiene pessoal”, mas que lhe disse que “podia fazer a sua vida normal”. Assim, a aluna voltou às aulas no dia 27 de Fevereiro, tendo sido “diariamente acompanhada” pela equipa do SNS24. Ontem, foi confirmado o diagnóstico de infeção pelo novo coronavírus. Este é o 30.º caso confirmado em Portugal.

Face ao diagnóstico, as autoridades de saúde determinaram o encerramento

da Escola Manuel Teixeira Gomes. Já os colegas que estiveram em contacto directo com a aluna estão a ser acompanhados pelas autoridades sanitárias para perceber se apresentam sintomas da doença, devendo ficar em isolamento nas suas casas durante 14 dias. Os professores e funcionários que também tiverem contactado terão de o comunicar à Unidade de Saúde Pública de Portimão. Caso se justifique, também entrarão em isolamento. Já os familiares da aluna, com quem esteve em Itália, estão a ser testados. **S.S.**

“[As medidas tomadas na Itália] irão ocorrer noutros países da Europa. A questão fundamental é quando

Sebastian Kurz
Chanceler da Áustria

Uma guerra no meio do surto

Em plena desvalorização do petróleo — o Brent, referência para a economia portuguesa, teve a sua maior perda diária em 11 anos na sexta-feira —, a Arábia Saudita decidiu abrir uma guerra. Sem acordo na OPEP+, o maior produtor mundial decidiu inundar o mercado a partir de Abril.

Evolução do barril de Brent
Em dólares





Data: 09.03.2020

Título: Presidente em isolamento, vítima colateral do principal foco no país

Pub:

PÚBLICO

Tipo: Jornal Nacional Diário

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Destaque

Pág: 4;5

“Vamos precisar de mais recursos para que se evitem infecções” do novo vírus em África

Entrevista Teresa Sofia Serafim

Matshidiso Moeti Directora da OMS para África dá conta dos esforços que têm sido feitos no continente para travar o novo coronavírus

Nos últimos tempos foram declaradas duas emergências globais de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS): a do novo coronavírus e a do surto de ébola na República Democrática do Congo. Matshidiso Moeti, directora regional da OMS para África, esteve em Lisboa na última semana para receber o título de doutor *honoris causa* da Universidade Nova de Lisboa.

Há pelo menos seis países do continente africano com o novo coronavírus. Qual é o risco deste vírus em África?

O risco é o mesmo de todo o mundo, porque temos contactos com países que já estão a ter um grande aumento do número de casos. A maior parte dos casos nos países africanos foi trazida de Itália e um de França. Já no Egito, o caso foi trazido da China. Estamos muito preocupados com a possibilidade de haver locais onde a infecção se concentre. Para evitar isso, estamos a trabalhar com os governos. E, claro, dependendo das condições sanitárias [de cada país], vamos precisar de mais recursos e de muito trabalho para que se evitem e se tratem as infecções. Mas, nos últimos anos, os países africanos têm vindo a fazer muitos progressos na melhoria da sua preparação para lidar com epidemias.

Qual é a prioridade neste momento em África?

A prioridade é detectar os casos. Fazer um bom rastreio é muito importante, assim como melhorar o controlo nas instalações de cuidados de saúde. Mas o mais

importante é que a primeira pessoa a apanhar o vírus seja detectada o mais rápido possível para que seja possível protegê-la e evitar que transmita a outros. As pessoas também devem aperfeiçoar os seus cuidados básicos de higiene na sua vida diária, bem como limitar trocas e contactos no dia-a-dia. Também deveremos fazer mais pela prevenção da infecção e do controlo nos hospitais. Um dos grandes desafios é mesmo quanto ao equipamento de protecção, como as máscaras e luvas, que estão com o *stock* em baixo no mercado internacional.

Há países mais prioritários do que outros?

Nesta altura, é muito difícil responder a isso. Há umas semanas vimos que havia mais possibilidade [de existirem casos] em países com um elevado volume de tráfego com a China. Mas depois os casos aumentaram na Europa e vimos que também havia a possibilidade de esses países serem uma fonte de transmissão. Temos muitos contactos com os países europeus de muitas formas. Por isso, ao fazermos actualizações nas avaliações do vírus, recomendamos que todos os países melhorem a sua preparação.

E como está a ser essa preparação?

Há países com bons sistemas de saúde que conseguirão controlar a expansão da epidemia [com mais facilidade]. Mas também há os países em desenvolvimento que têm sistemas de saúde mais vulneráveis e não têm capacidade de se preparar rapidamente para isso. Nestas áreas, alguns países já fizeram melhorias e outros têm grandes falhas, o que inclui os cuidados para tratar as pessoas. De momento, não temos aí certos tratamentos e capacidade de cuidar dos pacientes de forma segura. São precisos acordos especializados a nível mundial e unidades de saúde

intensivas em muitos países africanos.

E estão os países africanos a fazer os esforços certos?

Sim. No início deste ano, tínhamos apenas dois laboratórios na África Subsariana que eram capazes de diagnosticar o novo coronavírus. Duas semanas e meia depois, eram já mais de 20 e, de momento, temos 33 países africanos que treinaram pessoas e têm o equipamento necessário ou importaram *kits* para o fazer. Temos vindo a trabalhar com os países em mecanismos de coordenação para que se sintam responsáveis e prestem atenção ao coronavírus.

A epidemia deste novo coronavírus já está na Ásia, na Europa, África e América. Por que razão está a OMS tão relutante em declarar uma pandemia?

Acho que não tem estado relutante. A OMS considera diariamente as provas mais credíveis em termos de isolamento, das dinâmicas e da transmissão.

Na última semana houve uma boa notícia: ao fim de mais de um ano a combater o ébola, não têm surgido novos casos.

Até agora, foi um sucesso. Actualmente, não temos qualquer caso de ébola reportado nos últimos dias. Isto é um sinal de sucesso. Mas foi um sucesso [conquistado com trabalho] árduo. Temos de agradecer aos profissionais de saúde e à comunidade dessas áreas afectadas. Estamos com muita esperança e encorajados pelo que conquistámos, mas ainda não podemos celebrar. Faremos isso no momento apropriado, isto é, até completarmos uma contagem final [de 42 dias] desde o dia em que o último doente saiu do hospital.

Foi mais fácil combater este surto do que a epidemia na África Ocidental entre 2014 e 2016, que matou 11 mil pessoas?

No Oeste de África, tínhamos uma

Área: 1226cm² / 65%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6767594



Data: 09.03.2020

Título: Presidente em isolamento, vítima colateral do principal foco no país

Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 4;5

transmissão complexa: eram muitos países numa área muito populosa. Agora, na República Democrática do Congo, a área afectada era uma zona de conflito. [Durante o surto] houve ataques tanto às populações como às pessoas que estavam a combater o surto. Foram assassinados membros da OMS. A toda a hora

havia insegurança e as pessoas que estavam a dar resposta ao vírus tinham de ser retiradas. O contexto em que o surto ocorreu foi um factor muito complicado e levou a que [o seu combate] demorasse mais tempo.

teresa.serafim@publico.pt

Área: 1226cm² / 65%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6767594